

UM ESTUDO DOS SINAIS BIMANUAIS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA SUBLOCAÇÃO “COSTAS DA MÃO”

A STUDY OF THE BIMANUAL SIGNALS OF THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE IN THE "BACKS OF THE HAND" SUBLOCATION

*Valéria Simplício da Silva**

*Margarida Maria Teles***

*Edivaldo da Silva Costa****

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar como se apresentam os sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) produzidos com as duas mãos, em que a mão ativa configura o sinal e a passiva serve de apoio para o sinal configurado, no que se refere ao subespaço “costas da mão”, da locação “mão de apoio”, utilizados pelos sinalizadores surdos de Sergipe, utentes dessa língua de matriz visual e modalidade espacial. Esse estudo teve como metodologia: a pesquisa bibliográfica, utilizando os estudos linguísticos de Quadros, Karnopp, Felipe e Ferreira-Brito; a pesquisa de campo, por meio da observação direta da sinalização dos participantes e do vídeo-registro das variantes que ocorrem na forma como se apresenta o subespaço “costas da mão”, da locação mão de apoio, na produção dos sinais, identificando se a frequência é maior na forma de mão aberta ou fechada. Segundo os resultados desta pesquisa, as variações que ocorrem na forma da mão do subespaço “costas da mão” quando um sinal é articulado sobre ela, podem se caracterizar como um alofone, uma vez que essas variações não alteram o sentido nem o significado dos sinais.

Palavras-chave: Alofone. Costas da mão. Locação. Mão de apoio. Variação fonológica.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: vsimplicyo@hotmail.com.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Professora do Departamento de Educação da UFS. E-mail: mm-teles@hotmail.com.

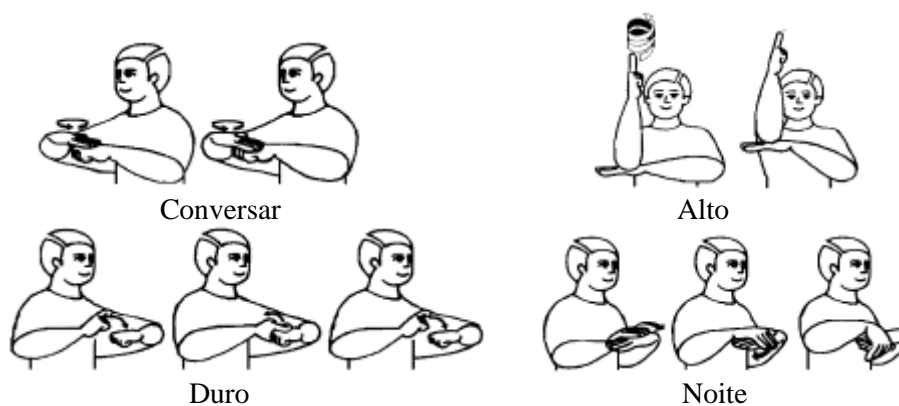
*** Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Professor do Departamento de Letras Libras da UFS. E-mail: edieinstein@hotmail.com.

Introdução

Este artigo é resultado de uma atividade de pesquisa realizada na disciplina Fonética e Fonologia da Libras do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ministrada no período de janeiro a maio de 2016. A pesquisa constituiu em observações e registros realizados a partir da sinalização de usuários surdos proficientes da Libras, sob a análise de um de seus parâmetros fonológicos, utilizado na produção do sinal: a “Locação”, também nomeada de “Ponto de articulação”. Teve como objeto de estudo o subespaço “costas da mão”, da Locação “mão de apoio” (mão que apoia a mão ativa durante a produção do sinal), também denominada de “mão passiva”.

Assim, este estudo se propôs a realizar os seguintes questionamentos: a forma da mão que é utilizada pelos sinalizadores surdos sergipanos, usuários da Libras, para apoiar o sinal quando ele é realizado no subespaço “costas da mão”, é configurada, frequentemente, mais de forma aberta ou fechada? As variações que ocorrem na forma da mão (aberta ou fechada) do subespaço “costas da mão”, da Locação “mão de apoio”, podem ser consideradas variações de um mesmo fonema?

Figura 1 – Exemplos de sinais produzidos nas costas da mão fechada e aberta, respectivamente



Fonte: Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 673; p. 866; p. 1586).

O objetivo foi verificar se a forma da mão que é utilizada pelos sinalizadores surdos da Libras em Sergipe, para apoiar o sinal quando ele é realizado no subespaço “costas da mão”, é configurada, mais frequentemente, de forma aberta ou fechada, fazendo a descrição e a análise dessas formas.

A necessidade, importância e a relevância deste estudo advêm dos questionamentos dos aprendizes iniciantes ouvintes da Libras, como segunda língua, com relação à forma da referida mão ao realizar o sinal. Ou seja, se ela deve ser configurada aberta ou fechada, quando o sinal é realizado no subespaço “costas da mão”. Segundo a psicóloga Walkíria Duarte Raphael, estudiosa da Libras, em entrevista à *Revista Língua Portuguesa*, na matéria intitulada *Os sotaques dos sinais*, no Rio de Janeiro a maioria dos sinais são realizados com a mão de apoio fechada. Já em São Paulo, a mão de apoio é aberta.

Nos estudos linguísticos da Libras, dentre os subespaços dos sinais produzidos nas costas da mão que apoia o sinal, não é realizada nenhuma referência quanto à forma “aberta ou fechada”, no entanto, as duas formas têm sido utilizadas pelos usuários da Libras no Brasil. Nesse contexto, vemos a relevância de realização deste estudo.

Entretanto, para apoiar o entendimento sobre essa temática, primeiramente revisitaremos conhecimentos já socializados sobre os parâmetros de análise sublexical dos sinais, que vêm sendo referidos na literatura sobre a fonologia das línguas de sinais, de forma a contextualizar a mão de apoio como sendo um desses parâmetros, que é a Locação.

1. O nível fonológico da Libras: as unidades de análise sublexical propostas para as línguas de sinais

Assim como nas línguas orais e de sinais, a Libras possui todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático e uma estrutura gramatical própria, adequada para transmitir informações necessárias ao processo de comunicação e ensino. De acordo com Ferreira-Brito:

A Libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos Constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais (FERREIRA-BRITO, 1998, p. 23).

As diferenças que existem entre as línguas de sinais e as línguas orais referem-se à modalidade de percepção e produção, no entanto o termo “fonologia” tem sido utilizado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais. Segundo Quadros &

Karnopp (2004), para marcar essas diferenças, o linguista e pesquisador norte-americano William C. Stokoe Jr. propôs, em 1960, o termo “quirema”¹ para as unidades formacionais dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e, ao estudo de suas combinações, o termo “quirolgia”² (o termo *Quir* significa “mão” em grego). No entanto, outros pesquisadores, e o próprio Stokoe em estudos posteriores em 1978, têm se utilizado do termo “fonema” e “fonologia” estendendo seus significados de modo a abarcar a realização linguística visual-espacial, uma vez que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre palavras/oral e o sinal/visual.

Stokoe propôs um esquema linguístico estrutural para analisar as formas dos sinais e propôs a decomposição dos sinais na *ASL* (*American Sign Language* - Língua de Sinais Americana) em três aspectos principais, ou parâmetros, que não têm significado isoladamente. São eles: Configuração de mão (CM), Locação da mão (L) e Movimento (M). A partir da década de 1970, em análises das unidades mínimas formacionais dos sinais, posteriores à de Stokoe, os linguistas Robbin Battison (1974) e Edward S. Klima e Ursulla Bellugi (1979) propuseram a adição de informações referentes à orientação da mão (Or) e as expressões não manuais dos sinais (ENM), que são as expressões faciais e corporais. Estes dois parâmetros foram então adicionados aos estudos da quirolgia de sinais. Assim, resumidamente, segundo Quadros e Karnopp, temos:

1 - Configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão dominante, ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador.

2 - Ponto de articulação: é o lugar onde a mão dominante configurada faz o sinal, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor).

3 - Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não.

4 - Orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal.

5 - Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração têm como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 29-30).

Portanto, CM, L, M, Or e ENM são os parâmetros fonológicos das línguas de sinais, ou seja, as unidades mínimas (fonemas) que constituem morfemas nas línguas de sinais, de

forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais, e, na combinação de quatro ou cinco parâmetros tem-se o sinal. Além dos aspectos levantados por Stokoe (1960), outro aspecto que também assemelha as línguas de sinais às línguas orais, do ponto de vista fonológico, refere-se ao fato de que na realização de seus itens lexicais, ou seja, na pronúncia dos sinais, pode ocorrer variação.

Durante a formação dos sinais, há restrições quirológicas requeridas para uma boa formação. Os sinais podem ser produzidos com: I) condição de simetria, produzidos pelas duas mãos, em que ambas são ativas e simétricas; II) condição de dominância, com uma das mãos³ ou com as duas mãos, em que uma é ativa (realiza o sinal) e a outra é passiva (apoia o sinal) servindo como locação ou ponto de articulação. De acordo com Quadros e Karnopp:

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente a direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 51).

Dentre os três tipos de produção de sinais descritos segundo as autoras citadas, foram selecionados, para esta pesquisa, sinais produzidos com as duas mãos, em que uma é ativa e a outra serve como locação.

2. A Locação “mão de apoio” na produção do sinal: sinais produzidos no subespaço “costas da mão”

A Locação, também denominada de Ponto de articulação, é considerada uma das três principais unidades formacionais dos sinais, apesar de não haver muitos estudos sobre ela. É o ponto ou o local onde é articulado o sinal, ou seja, é o ponto de articulação onde o sinal é produzido.

É numa determinada área, denominada espaço de enunciação, que estão contidas as quatro grandes e principais locações, ou seja, os quatro pontos de articulação, dentro do raio de alcance das mãos, em que os sinais da Libras devem ser articulados (QUADROS; KARNOPP, 2004). O espaço de enunciação é visto como um espaço ideal, uma vez que considera que os interlocutores estejam face a face. (KARNOPP, 1999).

Dentro desse número limitado ou finito de locações, que são: cabeça, tronco, espaço neutro e mão passiva, existem subespaços nessas quatro grandes locações. Algumas são mais exatas e outras mais abrangentes. O Quadro 1 mostra essa descrição e diferenciação entre as principais locações e os subespaços.

Quadro 1 – As quatro Locações e seus respectivos 56 subespaços da Libras.

Cabeça (C)	Tronco (T)
Topo da cabeça (☞)	Pescoço (P)
Testa (T)	Ombros (O)
Rosto (R)	Busto (B)
Parte superior do rosto (S)	Estômago (E)
Parte inferior do rosto (I)	Cintura (C)
Orelhas (p)	
Olhos (O)	Braços (B)
Nariz (N)	Parte superior do braço (S)
Boca (B)	Antebraço (I)
Bochechas (d)	Cotovelo (C)
Queixo (Q)	Pulsos (P)
Zona abaixo do queixo (A)	Perna (p)
Mão (M)	Espaço Neutro (EN)
Palma (P)	
Costas da mão (C)	
Lado do indicador (L ₁)	
Lado do dedo mínimo (L ₂)	
Dedos (D)	
Pontas dos dedos (D _p)	
Nós dos dedos (junção entre os dedos e as mãos)	
(D _d)	
Nós dos dedos (primeira junta dos dedos) (D _j)	
Dedo mínimo (D ₁)	
Anular (D ₂)	
Dedo médio (D ₃)	
Indicador (D ₄)	
Polegar (D ₅)	
Juntas dos dedos	
Próximos aos pulsos	
Interstícios entre os dedos (V)	

Interstício entre os dedos polegar e o indicador (V1)

Interstício entre os dedos indicador e médio (V2)

Interstício entre os dedos médio e anular (V3)

Interstício entre os dedos anular e mínimo (V4)

Fontes: Ferreira-Brito; Langevin (1995); Quadros; Karnopp (2004).

Dentre os 11 subespaços da Locação “mão de apoio”, descritos no Quadro 1, “costas da mão” foi o objeto deste estudo, sob a análise dos sinais produzidos sobre essa locação. Para tanto, foi realizado um registro das variantes que ocorrem nesta configuração da mão.

3. Metodologia

Para realização deste estudo, primeiramente foram pesquisados 32 bimanuais, produzidos com as duas mãos, em que uma é ativa e a outra serve como locação. Todos esses sinais têm como subespaço da “mão de apoio” para produção do sinal, as “costas da mão”, conforme o Quadro 1 (FERREIRA-BRITO & LANGEVIN, 1995; QUADROS & KARNOPP, 2004).

Em seguida foi realizada a coleta de dados que consistiu no registro da produção dos 32 sinais. Essa coleta foi realizada pelos alunos da disciplina Fonética e Fonologia da Libras, do Curso de Licenciatura em Letras Libras da UFS, por meio de uma atividade de pesquisa da disciplina.













A turma, que era composta por 22 alunos, foi dividida em duplas e, para cada uma dessas, foi definido um número de três informantes surdos a serem filmados. Uma das duplas conseguiu coletar os dados com apenas dois sinalizantes surdos, devido à dificuldade de acesso a eles, por parte dos alunos. E assim, chegou-se ao número de 32 participantes. O número de sinalizantes da pesquisa justificou-se por ser uma quantidade razoável para os alunos, devido à dificuldade em encontrar informantes surdos disponíveis para coleta das informações.













Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um quadro contendo uma lista de palavras, em ordem alfabética, transcritas na Língua Portuguesa, referentes aos sinais produzidos no subespaço “costas da mão”. Os sinalizantes da pesquisa foram todos surdos de ambos os sexos, usuários proficientes da Libras como primeira língua, com idade acima de 18 anos e residentes em cinco municípios de Sergipe: Aracaju, Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Lagarto e Itabaiana.












O quadro abaixo mostra a lista de palavras relativas aos sinais que foram pesquisados, bem como o número de sinalizantes e as formas da mão de apoio utilizadas na produção dos sinais. Esses sinais serão apresentados graficamente por meio do sistema de escrita de línguas de sinais SignWriting (SW)⁴.
















Quadro 2 - Inventário de palavras propostas para os sinais pesquisados escritos pelo sistema de escrita de línguas de sinais SignWriting.

PALAVRAS	PRODUZIDOS COM A MÃO DE APOIO ABERTA						PRODUZIDOS COM A MÃO DE APOIO FECHADA	DICIONÁRIO DEIT-LIBRAS (2011)	SINAL COM LOCAÇÃO DIFERENTE	NAO CONHECIA A PALAVRA
	QT. INF.	%	SINAL ESCRITO (SW)	QT. INF.	%	SINAL ESCRITO (SW)	SINAL ESCRITO (SW) M. A.	SINAL ESCRITO (SW) M. F.	QT. INF.	QT. INF.
AGUENTAR	4	12,5		28	87,5		 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 196)	-	-	-
CABEÇA-DURA (expressão idiomática)	2	6,25		30	93,75		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 455)	-	-
CAPITAL	2	6,25		30	93,75		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 508)	-	-
CARINHOS CARINHOS @	9	28,12		23	71,88			-	-	-

							Capovilla, Mauricio e Raphael (2001, p. 517)			
CARNE	19	59,37		13	40,63		 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 519)	-	-	-
CINZA	2	6,25		30	93,75		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 594)	-	-
CHAMAR	3	9,37		29	90,63		 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 565)	-	-	-
CONVERSAR	6	18,18		27	81,82		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 673)	-	-

PRAÇA	2	6,25		30	97,75		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 1798)	-	-
								 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 1798)	-	-
PRET@	4	12,5		28	87,5		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 1816)	-	-
PÓS-GRADUAÇÃO	1	3,13		31	96,87		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011, p. 1791)	-	-
ROXO	-	0	Não identificado	32	100		-	 Capovilla, Mauricio e Raphael (2011,	-	-

TARDE (período do dia)	4	12,5		28	87,5		 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 2084)	p. 1958)	-	-	-
UMA-VEZ, DUAS VEZES, ...	5	17,85		23	82,14		 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 2233) Observação: Este sinal não é realizado nas costas das mão	-	4	-	-
VERDE	-	0	Não identificado	32	100		-	 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 2221)	-	-	-
VIDRO	1	3,13		31	96,87		-	 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 2238)	-	-	-

							Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 866)				
ENGANAR	1	3,13		31	96,87		-	 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 906)	-	-	-
ESTRATÉGI- A/ DINÂMICA	2	7,14		26	92,86		 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1008)	-	-	4	-
ESTADO (território)	1	3,13		31	96,87		 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 992)	 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 992)	-	-	-
FALTA/ FALTAR (ausência/en- contro)	5	15,63		27	84,37		 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1065)	 Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1065)	-	-	-

FERIAS	3	9,38		29	90,62		-		Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1042)	-	-
FERRO	3	9,38		29	90,62		-		Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1067)	-	-
MAIS (intensidade)	5	15,63		27	84,37		-		Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1435)	-	-
MESTRADO	-	0	-	32	100		Não identificado	Não identificado		-	-

MATEMÁTICA	4	12,5		28	87,5		Observação: Os sinais do termo Matemática não são realizados nas costas das mãos		Observação: Os sinais do termo Matemática não são realizados nas costas das mãos	-	-
NOITE	1	3,13		31	96,87				Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1586)	-	-
PAIS	1	3,13		31	96,87		-		Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1658)	-	-
PEDRA	1	3,13		31	96,87		-		Capovilla, Maurício e Raphael (2011, p. 1709)	-	-

YOUTUBE	6	18,75		26	81,25		Não identificado	Não identificado		-	-
---------	---	-------	--	----	-------	--	------------------	------------------	--	---	---

Fonte: Quadro elaborado pelos autores com base nos dados desta pesquisa.

4. Os resultados: variação fonológica no subespaço “costas da mão” da Locação “mão de apoio”?

Para análise dos dados coletados, foi eleita como categoria de análise: a forma da mão do subespaço “costas da mão” (se foi configurada mão aberta ou fechada), na qual os 35 sinais foram produzidos pelos 32 sinalizantes surdos da Libras.

De acordo com o Quadro 2, constata-se que a maioria dos sinalizantes surdos produzem os sinais realizados no subespaço “costas da mão” com a mão fechada; os 32 sinalizantes usaram a mão de apoio, tanto aberta quanto fechada; não houve nenhum que usasse, em todos os sinais, apenas aberta ou apenas fechada; dos 32 sinais coletados, houve 4 em que os sinalizantes produziram apenas com a mão fechada; dos 32 sinais coletados, não houve nenhum sinal produzido apenas com a mão aberta; houve um sinal que não foi produzido com a mão de apoio no subespaço “costas da mão”.

Diante do exposto, constatamos que não há nenhum padrão para que a forma da mão de apoio no subespaço “costas da mão” seja configurada aberta ou fechada pelos sinalizantes surdos na produção dos sinais. Dessa forma, para análise da ocorrência da variação demonstrada no subespaço “costas da mão” da Locação “mão de apoio”, foi tomada como parâmetro a ocorrência das variações dos fonemas da Língua Portuguesa.

Na Língua Portuguesa, o fonema pode variar na sua realização, ou seja, dependendo de determinadas circunstâncias do enunciado, os traços distintivos dos fonemas podem sofrer alteração. Essa alteração é caracterizada como alofone ou variante. Os alofones são unidades diferentes para a fonética. São dois sons produzidos diferentemente, mas que não correspondem a elementos distintos no sistema fonológico do Português, pois não estabelecem oposição entre palavras.

Os alofones ou variantes são os vários sons que realizam um mesmo fonema, ou ainda, um determinado som como variante de um mesmo fonema. São as realizações fonéticas de um mesmo fonema e essa variação é condicionada por fatores contextuais (inerentes à vizinhança fonética ou co-articulação), dialetais (em função da variedade geográfica que é falada) ou que simplesmente decorre de opções estilísticas individuais. Essas variações que não implicam mudanças nas palavras caracterizam-se como alofones, variações diferentes para um mesmo fonema, e podem ser classificados em: livres, posicionais e estilísticos.

De acordo com Câmara Jr. (2011), os alofones ou variantes livres dependem dos hábitos de articulação de cada falante, ou seja, quando os falantes da língua divergem na

articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala. Sendo assim, em princípio, são possíveis vários alofones para qualquer fonema. Teorias pós-fonêmicas que analisam a variação e mudança linguística demonstram que a “variação livre” na verdade é condicionada por fatores extralinguísticos como localização geográfica, grau de escolaridade, classe social, sexo, idade, entre outros.

Ainda segundo Câmara Jr. (2011), os alofones posicionais ocorrem em virtude da posição que ocupam na cadeia fonológica (classificação segundo articulação, entre outras) e da proximidade dos fonemas vizinhos, ou seja, depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final).

Os alofones estilísticos, de acordo com Câmara Jr. (2011), ocorrem por intenção comunicativa, enriquecendo a articulação de algum traço não habitual. É a variante estilística. Dentre os três tipos de alofones, os posicionais têm muita importância para caracterizar o conjunto de fonemas da língua. São eles que dão o sotaque da nossa fala, distinguindo, por exemplo, a fala do baiano, da fala do alagoano, da fala do sergipano e assim por diante. Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Libras também apresenta dialetos regionais. Mas o que pode ser considerado sotaque na língua de sinais?

As linguistas e pesquisadoras da Libras Dr.^a Ronice Müller de Quadros, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Dr.^a Sueli de Fátima Fernandes, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Dr.^a Walkiria Duarte Raphael, professora da Universidade de São Paulo (USP), Dr.^a Tanya Amara Felipe dos Santos, professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Dr.^a Lodenir Becker Karnopp, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG), em entrevista à *Revista Língua Portuguesa* (2010), numa matéria denominada *Os sotaques dos sinais*, discorrem sobre as variações regionais dessa língua e afirmam ser possível dizer se um surdo é do Sul ou do Nordeste só com base no seu gestual.

De acordo com essas pesquisadoras, o sotaque na Libras é percebido quando os sinais regionais representam a mesma coisa só que com ponto de articulação, movimentos, direcionalidade e expressões faciais todos diferentes, ou seja, determinados termos possuem variações maiores ou menores quando "pronunciados" por gestos. A palavra "abacaxi", por

exemplo, nas variantes em forma gestual, tem o mesmo sinal com pequenas mudanças de movimentos entre os compartilhados por Bahia e Pará e os usados no Mato Grosso ou em Santa Catarina.

A linguista Dr.^a Ronice Müller de Quadros, que é coordenadora do Curso a distância de Letras/Libras na UFSC, afirma que os falantes do Rio de Janeiro costumam usar muito o alfabeto manual na comunicação, ou seja, no lugar do sinal, em muitas situações, o termo é soletrado, uma característica que não é típica dos usuários surdos de São Paulo.

A psicóloga Dr.^a Walkiria Duarte Raphael diz conseguir identificar um “R” arrastado nos sinais dos surdos cariocas. Segundo Dr.^a Walkiria, no Rio de Janeiro eles soletram mais arrastado, embora não exista estudo com base científica sobre o assunto. De acordo com a psicóloga, os surdos que oralizam bem (que reproduzem com os lábios as palavras sinalizadas) acabam falando junto com o sinal. E aí é possível perceber claramente o sotaque. A linguista Dr.^a Tanya Amara Felipe dos Santos, que foi coordenadora do Programa Nacional Interiorizando a Libras, afirma que é como se houvesse uma "pronúncia" diferente, um tipo de sotaque sem som.

Segundo a psicóloga Walkiria Duarte Raphael, os surdos do Norte do país se apoiam bastante nas expressões faciais e corporais. De acordo com ela, o tamanho do sinal é maior, ocupa mais espaço, no entanto, esta diferença não tem implicações no significado do sinal. Ela afirma que Manaus é um dos polos em que os estudantes apresentam mais variações.

A pesquisadora ainda analisa que, embora não haja equivalência entre o verbo e os sinais de cada lugar, os sotaques dos sinais parecem acompanhar as sutilezas das falas de cada região. Argumenta também que é possível perceber a diferença regional pela observação da mão de apoio. Segundo ela, no Rio de Janeiro, a maioria dos sinais é feita com a mão de apoio fechada, já em São Paulo, a mão de apoio é aberta.

Dentro desta perspectiva, as variações alofônicas que ocorrem na forma da mão de apoio, do subespaço “costas da mão”, quando um sinal é produzido sobre ela, são variações que não alteram o sinal, ou seja, não alteram o seu sentido e significado.

Strobel e Fernandes (1998), em suas pesquisas, destacam que os sinais que se referem a variações⁵ na configuração das mãos ou no movimento, não modificando o sentido do sinal, são variações sociais, mostrando que a Libras apresenta dialetos regionais.

Considerações finais

A unidade linguística é um mito, mesmo nas línguas de sinais, e os “sotaques” regionais e as variações lexicais não comprometem em nenhum momento a sua unidade estrutural. No entanto, se fazem necessárias mais pesquisas sobre variações regionais em Libras para que possamos descrever linguisticamente com exatidão as variações nesta língua, tanto no nível fonético-fonológico, quanto no morfossintático e vocabular.

Na Libras, ainda são poucas as pesquisas sobre variações regionais, principalmente no que se refere ao nível fonético-fonológico da língua, embora já exista uma base empírica para os estudiosos e pesquisadores arriscarem algumas configurações. Essa variação, assim como nas línguas orais, pode se manifestar por meio das diferentes realizações de uma ou mais unidades que constituem os seus itens lexicais.

Os resultados deste estudo mostram que as diferentes formas da mão de apoio apresentadas na produção de um mesmo sinal, quando este é produzido nas costas da mão, são variações caracterizadas como resultantes das diferentes manifestações que um sinal pode apresentar na sua produção, sem que isso altere o seu significado.

Embora ainda não haja estudos sobre a variação fonológica na Libras, observações de usos espontâneos dessa língua não apenas apontam para a sua existência, como também evidenciam que a variação na pronúncia dos sinais pode decorrer das diferentes realizações de suas unidades sublexicais, relacionadas à configuração de mão, à localização, ao movimento, à orientação da mão e às marcações não manuais. A variação linguística no nível fonológico dos sinais ocorre quando há modificação, ao menos em um desses parâmetros.

Abstract

The objective of this paper is to analyze how the signs of the Brazilian Sign Language (Libras) produced with both hands are presented, in which the active hand configures the sign and the passive hand serves as a support for the configured sign, in what refers to the subspace “back of the hand”, the location “support hand”, utilized by the deaf signalers from Sergipe. This study’s methodology was: bibliographic research, utilizing the linguistic studies of Quadros, Karnopp, Felipe and Ferreira-Brito; the field research, via the direct observation of the signaling of the participants and video-record of the variants that happen in the form that the subspace “back of the hand” is presented, the location of the support hand, the production of signs, identifying if the frequency is greater on the shape with an open or closed hand. According to the results of this research, the variations that occur in the shape of the hand of the subspace “back of the hand” when a sign is articulated on it, can be

characterized as an allophone, once these variations do not alter the meaning or the signification of the signs.

Keywords: Allophone, back of the hand, location, supporting hand, phonological variation.

Referências

BATTISON, Robbin, Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Languages Studies*, 1974.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. *Escrita de Sinais sem mistérios*. Editora do Autor: Belo Horizonte, 2012.

BRITO, Lucinda Ferreira et. al. *Língua brasileira de sinais - LIBRAS*. In: _____. (Org.) BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP, 1998.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAPOVILLA, Fernando César; MAURÍCIO, Aline Cristina L.; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue - Novo Deit-LIBRAS - Língua de Sinais Brasileira*, 2 volumes, 1. ed. São Paulo: Edusp. 2011.

FELIPE, Tânia Amara. *Introdução à gramática da LIBRAS* (Série Atualidades Pedagógicas). In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1998.

FERREIRA-BRITO, Lucinda; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Lavegin de transcrição de sinais. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1995.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição fonológica da Língua Brasileira de Sinais: Estudo Longitudinal de uma criança surda*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

KLIMA, Edwards S.; BELLUGI, Ursulla. *The signs of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Revista Língua Portuguesa. *Os sotaques dos sinais*. Disponível em: <http://www.deficienteonline.com.br/os-sotaques-dos-sinais-libras-de-um-jeito-diferente_news_5.html>., 23/02/2010. Acesso em: 10 set. 2010.

STOKOE, William C. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf, *Studies in linguistics: Occasional papers* (No. 8). Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo. 1960.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Secretária de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial, Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUTTON, Valerie. *Lesssons in Signwriting: textbook & workbook*. 3rd Ed. La Jolla, CA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. 2003. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/>>. Acesso em: 01 maio 2018.

XAVIER, André Nogueira. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (LIBRAS)*. Dissertação, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Notas

¹ Quiremas são as unidades mínimas sinalizadoras que combinadas formam os sinais e estabelecem alguns padrões possíveis de combinações entre as unidades e as variações no ambiente fonológico, estes correspondem aos fonemas nas línguas orais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

² Quirologia: Arte de conversar por meio de sinais feitos com os dedos; dactilologia (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1986).

³ De acordo com Xavier (2006), há casos de certos sinais na Libras que são classificados como sendo produzidos com uma mão, mas que também são articulados com duas e vice-versa.

⁴ O SignWriting é uma escrita visual direta por meio do qual é possível ler e escrever línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral (BARRETO; BARRETO, 2012). É um sistema internacional e pode ser usado para escrever qualquer língua de sinais do mundo (SUTTON, 2003).

⁵ Sobre variações linguísticas na Libras, Strobel e Fernandes (1998) classificam em regionais, sociais e mudanças históricas. As variações regionais representam as mudanças de sinais de uma região para outra como acontece com os sinais do termo “VERDE” utilizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba/PR. As sociais referem-se às mudanças na configuração de mãos e/ou no movimento, não modificando o sentido do sinal, como no caso do sinal do termo “AJUDAR”. E mudanças históricas, pois com o passar do tempo, o sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que o utiliza, por exemplo, o sinal do termo “AZUL”.

Submetido em 16 de janeiro de 2019.

Aceito em 17 de junho de 2019.

Publicado em 1 de novembro de 2019.